



TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 24ª REGIÃO
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
BIBLIOTECA JUIZ VALENTIN CARRION

DICAS DE LEITURA

Nº 12/2007

Pedro Maciel

Liberdade para o pensamento

O que não sei me inspira; desmemoriados deixam a vida passar despercebida. Como não se exilar da existência? Como não se encher do vazio? Como não gritar palavras surdas? Como não ruir sem rumor?
(Fragmento do livro **A hora dos naufragos**)



Primeiro volume da tetralogia que marca uma nova fase na trajetória de Pedro Maciel, **A hora dos naufragos** resalta a alma sensível desse escritor mineiro, de Sete Lagoas, e sua busca do essencial. A força de sua linguagem se evidencia através das palavras que falam, que calam e que fazem pensar. Com um texto ágil e ao mesmo tempo poético, esse romance contemporâneo foge do convencional, criando espaços de silêncio para uma reflexão sobre o amor, a morte e o tempo. "Em **A hora dos naufragos** encontro o meu estilo, a minha maneira de pensar", diz o autor, que lança em breve **Como deixei de ser Deus**. "Este segundo volume da tetralogia narra a história de um personagem que, com a passagem do tempo, se torna um ser mais humano. O livro é tão sonoro que pode ser lido de olhos fechados..."

Acostumado a ler desde pequeno, o escritor conta que em sua família há muitos leitores e muitos músicos. "Minha mãe considerava a leitura quase como um ato sagrado. Lembro que, quando eu estava lendo, ela jamais me interrompia. Dizia que a leitura é capaz de salvar qualquer pessoa". Filho caçula entre 10 irmãos, ele absorveu esse fascínio pelos livros e pela arte da escrita.

É no desassossego que Pedro Maciel encontra inspiração para escrever: "Eu só tenho vontade de escrever num estado de espanto, de indignação ou de desesperança. Escrevo para não conceber idéias obscuras. E para não dissimular utopias. Escrevo para deixar o pensamento livre. Para desmistificar mitos ou para habitar paraísos artificiais."

Em sua aproximação cada vez mais intensa da literatura, foram muitos os autores que o marcaram, desde Homero, Virgílio, Dante Alighieri, Montaigne e William Shakespeare até Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Raduan Nassar, Clarice Lispector, Sérgio Buarque de Holanda, Baudelaire, Mallarmé, Samuel Beckett, Albert Camus, Émile Michel Cioran, Nietzsche, Italo Calvino, Octavio Paz, Novalis, Ludwig Wittgenstein, Lezama Lima, Rainer Maria Rilke, entre tantos outros.

"Um livro deve ser lido para justificar a beleza e deve ser relido para reencontrar a felicidade", define.

"Schopenhauer diz que os pensamentos morrem no instante em que são representados por palavras. Ao contrário, acho que os pensamentos são eternizados através das

palavras, dos aforismos, das histórias, dos poemas e das frases. Um romance ou uma poesia pode até modificar nosso comportamento se estivermos abertos a mudanças. Como muito bem escreveu Isaac Babel, *nenhum aço pode apunhalar o coração com tanta força quanto uma frase colocada no lugar certo.*"

Podemos nos reconhecer através dos personagens da ficção ou através de um fragmento poético", ressalta o escritor. Como sugestões de leitura, ele cita alguns dos livros que mais o emocionaram e influenciaram de certo modo sua personalidade:

Grande sertão: Veredas, Guimarães Rosa. Retrata um Brasil arcaico, sem passado ou futuro, um país que ensina quem somos. Na última releitura, descobri que o texto é uma discussão entre Deus e o Diabo, uma reescritura dos romances medievais.

Folhas da relva, Walt Whitman. Este é o grande poeta da Revolução Americana, o avô dos *beatniks*.

O processo, Franz Kafka. O anti-herói Joseph K. nos leva a descobrir os pesadelos do mundo moderno. A subordinação e as situações intoleráveis são as idéias centrais dessa narrativa que expressa o fantástico, o incompreensível, a opressão, o estranho e a sátira em vez do patético.

Eupalinos ou O arquiteto, Paul Valéry, poeta-crítico, criou um clássico a partir de um diálogo imaginário entre Sócrates e Fedro. Nesse *Dialogue des Morts*, como foi intitulado o texto em sua primeira edição, eles habitam as noites alucinadas do inferno, refletindo sobre as limitações e emoções de uma vida.

As ondas, Virginia Woolf. O romance mais inovador e revolucionário da autora em termos de forma.

Ulisses, James Joyce. Romance-experiência, escrito entre 1914-1921, é uma obra fundamental da ficção do século 20. Joyce ousou inventar uma prosa-poética que ainda hoje é vista por alguns com estranhamento.

Uma temporada no inferno e iluminações, Rimbaud inaugurou a literatura do desespero, do assombro, do inconformismo e da beleza perdida.

Os sertões, Euclides da Cunha. Com sua escrita virtuosística, o autor faz uma interpretação histórica do Brasil a partir da cultura do sertão. Narra a realidade social e cultural de um povo deslumbrado, cego pela fé religiosa, que preferiu se consumir no fogo para reviver a maldição bíblica.

Memórias do subsolo, Fiódor Dostoiévski. Há quem afirme que este livro influenciou as idéias de Freud acerca do descobrimento do inconsciente. Nietzsche, ao ler pela primeira vez Memórias do subsolo, anotou que "a voz do sangue (como denominá-lo de outro modo?) fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites".

Alguns poemas; Emily Dickinson. Poeta incompreendida em sua época, Emily (1830/1886) inaugura a fase moderna da poesia norte-americana. Seus versos revelam a ruptura do ritmo cadenciado dos românticos, a sintaxe telegráfica, a condensação do pensamento e a livre pontuação, criando poemas fragmentados. Na poesia de Emily, os versos falam baixo, fazem um silêncio quase religioso. Não há lamento ou autopiedade, e sim a experiência sensível, capaz de resgatar o mundo metafísico para o nível humano, demasiadamente humano.